



José Diogo e Albertina já avós de muitos netos

Notas da Redacção:

Não queremos deixar de agradecer as palavras de carinho e apoio que recebemos de Isabel d'Orey Apthorpe, da Pee wee, Taya e Bernardo d'Orey, da Isabel Garcez d'Orey, do Vasco Bobone a reclamar "mais Gazetas!", da Vicky, Filipe Vieira da Rocha, da Gabriela Gouveia e Melo, da Cecília d'Orey e da noiva Mariana (filha da Nucha) que gostou muito de se ver na Gazeta d'Orey. Também mais uma vez realizamos que a Gazeta d'Orey dá a volta ao Mundo! A Pili (Bélgica) recebeu-a da irmã Graça (Austrália), ambas filhas de Waldemar Cardoso d'Orey, que tinha recebido do tio Pedro (Alemanha) e que entretanto mandou para a Mãe (Lacas) que continua a viver em Luanda! Da prima Tai (Zeza da Marichen) recebemos uma mensagem comovida pelas palavras do Carlos Rolo acerca do seu irmão Luís – "pontes" importantes!

Queremos fazer duas correcções: Na Gazeta anterior, na pag.12 a criança ao colo de Manuela d'Orey é a filha Maria Elvira, enquanto os pequeninos que estão à frente são os filhos Isabel e Guilherme (obrigado Isabel). A segunda correcção é que a imagem do tanque na pag. 10 é na Quinta de S. Miguel das Encostas em Sassoeiros e não em Cabo Verde. (obrigado Carlos e João Ma).



A Rua Mestre de Aviz, nº16, em Algés (Azulejo de Tiago d'Orey Slewinski)



O casal nos primeiros anos nesta casa em Algés

OS MEUS PAIS ESTÃO MUITO LIGADOS A ALGÉS...

por Maria Luísa Garcez d'Orey

...onde começaram a viver quando o Zé Maria tinha 5 anos e eu quase 1 ano. A Manuela, a Isabel, a Ana Maria (Nico) e o Vasco já nasceram no nº 16 com pouca diferença uns dos outros. Pegamos no álbum de fotografias e relembramos os passeios ao jardim ainda hoje existente (mas naquela altura muito mais bonito) muito perto da nossa casa e ao lado da marginal. Havia vários pavilhões onde íamos com o Pai para nos deliciarmos com um sorvete (era um ritual aos Domingos depois da Missa) e onde o Pai, às vezes, jogava bilhar. Os rapazes fizeram percursos de escolas diferentes devido à diferença de idades, mas nós as quatro andámos numa escola particular em Algés só para meninas; como eu (seis anos) não queria ir sozinha de maneira nenhuma, tiveram que mandar a Manuela que apesar de não ter idade, teve mesmo que ir. Era absolutamente proibido com aquela idade estar na escola, mas ela “teve” que informar um inspector que se estavam a enganar na sua idade. A Manuela era assim, muito atenta. Um inspector de educação ao visitar a escola perguntou à Directora se não havia ali nenhuma menina com menos de seis anos. A Directora claro que disse que não. Sem ninguém se aperceber lá vai a Manuela puxar pelo casaco do Inspector e dizer: eu tenho 5 anos!!! O meu Pai, aliás como é normal na família d'Orey, punha alcunhas facilmente. Lembro-me, para além de outras, nos chamar assim: o Zé Maria - o mestre; a Luísa - a abelha mestra; a Manuela - o remexido; a Isabel - o promete; o Nico - o talvez e o Vasco - o será.

Nós aprendíamos piano mas quem sabia tocar de ouvido era o Zé Maria. A nossa professora de línguas era a Frau Rolla que viveu sempre na nossa rua e que para além de alemão ensinava francês e inglês pois tinha estudado em França e Inglaterra antes de se fixar em Portugal. O Zé Maria ainda teve lições com a Frau Schneider e com a sua enteada Any. Quando o pai precisava de escrever em alemão também recorria à Frau Rolla. O Zé Maria fazia uma certa diferença dos outros irmãos, era muito bom aluno no liceu, frequentava natação e vela no Sport Algés e Dafundo e tinha uma independência que nos era vedada. O resto só andou na ginástica. Mais tarde o Pai quis também que aprendêssemos a nadar. Como cedia o tanque do Museu do Jardim Colonial para os Belenenses poderem ter natação, pediu que nos dessem umas lições. No dia em que não havia visitas no Jardim ou depois do fecho, lá íamos com umas amigas e assim aprendemos a nadar com o Sr. Serpa (professor do Belenenses). No Natal os Belenenses encomendavam dois Bolos Rei nos pastéis de Belém. Um para nós e outro para eles. Era enorme e tinha que vir num tabuleiro especial e cheio, cheio de presentes, o que fazia as nossas delícias. Cada fatia, cada brinde! Em pequenos, entre escola e casa, tínhamos uma vida preenchida, calma, ordenada e com tudo a horas. Ao fim de semana íamos à Missa a uma das duas capelas existentes em Algés, a da Quinta da Foz ou da Quinta dos Anjos, ou aos Jerónimos e à tarde podíamos brincar na rua porque ainda não

era alcatroada e onde não passavam carros. Eram uns jogos do Mata divertidíssimos e muito renhidos. O meu Pai gostava muito da sua colecção de selos, gosto aliás que já vinha do seu Pai. Entretinha-se imenso a tratar deles. O humor alterava-se quando os tinha a secar, depois de estarem numa tigelinha com água, e alguém passava mais descuidadamente e os selos voavam. Adorava fazer paciências! Gosto esse que passou aos filhos e quando eramos mais pequenos e o Pai “facilitava”, nós já sabíamos as regras, não deixávamos e dizíamos logo - não, não pode ser essa, perdeu, perdeu!!! Lembro-me do Pai de ter umas cartinhas pequenas para que as suas grandes paciências não ocupassem espaço demasiado na mesa da braseira onde estávamos reunidos muitas vezes. Nesta altura também me lembro do Pai ter muitos livros. Ofereciam trabalhos ao Jardim do Ultramar e ao Director e assim a nossa sala ia acumulando papel até que, com o desagrado do Pai, tudo tinha que ser arrumado. O Pai sabia muito, mas evitávamos uma explicação de assuntos da escola pois já sabíamos que se iria alargar muito mais do que precisávamos. Miúdos são assim! A família tinha aumentado e a minha Mãe ia conquistando espaço. Primeiro o sótão para ser o quarto dos cinco mais novos. Quando foi preciso um quarto para o Vasco foi a conquista da cave. A obra foi feita sem o Pai saber, pelo Sr. Fernando leiteiro que também era pedreiro. As férias eram normalmente passadas numa praia; inicialmente em S. Martinho do Porto e depois fomos vários anos para a praia de Santa Cruz onde era alugada uma casa à época para onde se tinha que fazer uma verdadeira mudança, só compensando porque era por 3 meses. Havia uns amigos que costumávamos ver no Verão. O Pai participava nos passeios de bicicleta com o grupo. Nos períodos de férias o meu Pai mudava-se para casa da avó Luísa e era uma grande alegria quando chegava aos fins de semana. Mais tarde algum irmão que tivesse exames ou emprego também ficava em casa da avó.



Nico, Isabel, Manuela, Luísa e José Maria, no Parque de St^a Cruz

Num ano em que a Isabel teve gânglios não era aconselhável a praia e fomos para Belas mas desta vez 4 meses. Todas as tardes íamos passear para a Quinta da Fonteira que era dum amigo do Pai. O Pai deixou de ter carro e era bom uma praia mais perto, com transportes mais facilitados e assim surgiu a hipótese da Ericeira. Em 1954, foi alugada uma casa ao ano, o que facilitou muito a nossa vida. Esse aluguer foi continuado pela Manuela até 2007, último ano em que passaram lá, mas já tendo antes festejado os 50 anos com uma agradabilíssima e simpática reunião de família. Do tempo da Ericeira veio a grande amizade com os primos Quintela. Tínhamos as mesmas idades e entendiamos-nos muito bem. A tia Helena gostava que de manhã se fosse para a praia e à tarde se fizessem grandes caminhadas. Acabámos nós também por fazer assim porque andávamos muito com os primos (os mais velhos e os mais novos). Eram uns Verões muito saudáveis com ainda os jogos de cartas (King, Bridge, etc) e outros, idas ao cinema, pic-nics, burricadas, festas, feiras, etc. Quando começaram os namoros o Pai era sempre muito conversador, atento, deu sempre um exemplo de bondade, aceitação. A face visível de qualquer discordância era a minha Mãe mas os dois agiam em conjunto.



Albertina em Algés com os seus três filhos mais velhos



José Diogo com quatro...



A miudagem mascarada é da esquerda para a direita: Nico, Luisa, Isabel e Manuela

AO MEU PAI ERA UMA PESSOA MUITO AFÁVEL

por Maria Manuela Garcez d'Orey Moreira

Todos os que com ele conviveram lembram essa característica. Meigo e atento para a família em primeiro lugar, mas na sua vida profissional tinha amigos espalhados pelo Mundo. Lembro-me do Sr. Plissauneau, cônsul de Portugal de quem o Pai falava imenso... Recebeu a nossa irmã Isabel de férias na Martinica, e também, a sua filha Jeneviève esteve na nossa casa numa vinda à Europa. O convívio com os "seus manos" era o máximo. Não perdoava os almocinhos, os dias de anos e a meiguice para com a sua Mãe que me ficou gravada na memória. Claro que, dessa relação próxima e atenta aos seus, fazia com que às vezes viesse de orelha murcha com preocupações, e outras, com boas notícias ou ajudas para a sua casa. Lembro-me dos vestidos de festas, de Carnaval, de comunhões e do meu casamento também, que foi na Quinta de S. Miguel das Encostas. O vestido era da minha prima Bolota - uma beleza!

Tudo foi lindíssimo graças à tia Manuela que se

emprenhou de grande a ajudar o mano a casar a primeira filha. Os primos "mais velhos" tinham idades muito próximo do meu Pai. As brincadeira apimentadas eram ditas "às vezes" em segredo ao pé de nós "mais pequenos". Daí resultava uma gargalhada imensa e cúmplice. A ciência e o imaginário começava muito cedo com o famoso "livro dos bichos". Uma enciclopédia de Zoologia Alemã. Cada animal tinha uma história e uns truques de sobrevivência e o relato disso e das aventuras em África faziam acalmar a rabugice de qualquer criança. Com os netos também tinha a mesma magia nas histórias e ensinamentos. Gostava de festejar os santos populares com fogo de vista e balões que ele próprio escolhia e organizava cuidadosamente para ver todos felizes.



Manuela já casada com João Carlos da Costa Macedo Moreira



A Nico e a Isabel no dia da Comunhão Solene

O MELHOR PAI DO MUNDO

por Maria Isabel Garcez d'Orey

Cuí-cuí! Cui-cui! Cui-cui! chamava-nos o pai no momento em que chegava a casa ao fim do dia e éramos os seis, á vez, a saltar-lhe para os braços contagiando-nos com a sua imensa alegria. A sua simples presença era uma festa, uma epifania! À mesa, as suas histórias de África, de feras e perigos, povoaram-nos a infância de maravilhoso e de fantástico. Era, na sua simplicidade, no seu total desartifício, um verdadeiro pedagogo, de intuição raríssima, muito à frente do seu tempo: não se impunha, jamais levantava à voz, achava uma graça enorme a cada um e todos nós com personalidades tão diferentes... e, ao tentar passar-nos a sua sabedoria, sempre preferiu os ensinamentos curtos e lógicos aos grandes e intimidatórios sermões moralistas dos progenitores da sua geração. Recordo o pai a ensinar-me francês - que saudades! - através dos poemas de Paul Géraudy no livro "TOI ET MOI", guardo no coração aquele que tão bem traduz o que de melhor nos legou:

Dualisme

Chérie, explique-moi pourquoi

tu dis: "mon piano, mes roses "

et: "tes livres, ton chien " ... pourquoi

je t'entends déclarer parfois:

"c'est avec mon argent à moi

que je veux acheter ces choses"

Ce qui m'appartient, t'appartient!

Pourquoi ces mots qui nous opposent:

le tien, le mien, le mien, le tien?

Si tu m'aimais tout à fait bien,

tu dirais: "les livres, le chien"

et: "nos roses".

Mesmo quando não passávamos de ano, para ele era mais importante animar-nos do que ralhar-nos - construía, nunca destruía. Acabávamos sempre as conversas com abraços e montes de beijinhos. E quando um de nós, por qualquer razão, se encontrava triste, o seu olhar ensombrava-se e perdia subitamente o apetite, a vontade de falar, de contar histórias, e só recuperava a alegria quando o outro recuperava também. Podia ser a Mãe, um filho ou uma empregada da casa, como podia dever-se a um motivo diminuto ou caricato - não lhe interessava: era como se lhe rasgassem a alma. Estava atento à mais ínfima contrariedade dos filhos ou da Mãe, era infinitamente meigo para com eles, e era, também, um filho perdidamente apaixonado: ainda hoje lembro, com reverência, a sua imagem no enterro da avó Luísa - muito direito, de pé, junto à urna - interrompido de quando em quando para agradecer cumprimentos, mas regressando sempre ao



seu lugar ao seu silêncio tão respeitador, tão digno... Absolutamente incapaz de vileza, nunca o vi dizer mal ou escarnecer de ninguém; tinha sempre uma palavra redentora quando ouvia denegrir os outros, transformando o feio em bonito, o grotesco em amável, o pecado em distração. Outra característica absolutamente rara era a sua ausência de materialismo, sabia apreciar, mas trocar objectos ou dinheiro por uma amizade era coisa impossível no Pai. Por tudo isto, sendo popular e amado como era, em casa e fora dela, seria de esperar que tivesse alguma consciência da excelência da sua índole; mas não: Recordo-me sorrindo que uma vez agarrada ao pai dando-lhe beijos e festas lhe disse que o pai era lindo e tão bom que nunca tinha pecados. A resposta veio tão súbita e tão adorável - "Ó filha mas que disparate, sou tão pecador e tenho tantos defeitos, nunca digas isso, filha". E quando a Sagrada Família, que em Algés passava de família em família, chegava a nossa casa! Esperava-se sempre pela chegada do Pai para que todos á volta da sua cama de joelhos rezássemos, consagrando a família à protecção de Jesus, Maria e José. Sei que foi O MELHOR PAI DO MUNDO e que lhe agradecemos como soubemos, enquanto viveu, e procurámos não lhe dar desgostos. E é em nome dos meus irmãos que pergunto hoje: O Pai deu-nos o Sonho, a nossa querida Mãe a Realidade. O que seria de um sem o outro? O que seria de nós sem ambos?



Albertina na Ericeira

A MÃE E A ERICEIRA

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski

“Tenho tantas saudades da casa da avó Albertina na Ericeira, do barulho das ondas do mar...!” Foi também com esta frase que uma das cunhadas da Catarina lembrou a pessoa encantadora que ela era, na sua missa de corpo presente.

Aquela casa era atribuída à Mãe! Foi com grande entusiasmo que a arranjou, que a manteve durante tantos anos com a maior simplicidade, mas onde nada faltava para uma vida normal de família.

Fez todos os sacrifícios para não a largar! A Mãe era assim! Empenhada, muito generosa, simples, organizada, prática.

A casa situava-se sobre o mar - lindo de morrer! Nos dias de marés vivas as ondas faziam tanto barulho que nos acordavam de noite e nos faziam medo. Parecia que iam cair sobre nós. Noutros dias, parecia um grande lago azul, cheio de barquinhos de pescadores nas suas fainas e com as suas pequenas ondas a espriarem-se na areia. Ou cheio de “carneirinhos” nos dias de muito vento.

Aquela casa era muito simples e de tão perto da Praia podia-se chamar as crianças do cimo da arriba para as refeições ou para virem para casa e, tantas vezes dar

uma olhada para as “controlar”.

A Mãe queria sobretudo dar Sol, praia, bom ar, descanso e saúde, primeiro aos seus filhos e a porta sempre aberta para outros familiares e amigos, depois aos seus netos e depois também aos seus bisnetos. Achava que era uma “bagagem de saúde” para o Inverno e... parece-me que foi! Pelo menos era a sua convicção profunda. A casa era usada nos primeiros tempos no Verão durante três ou quatro meses e nas férias da Páscoa.

Mais tarde, para além das normais férias de Verão dividindo os meses pelas famílias que iam crescendo, todos passaram fins-de-semana sem conta, durante mais de 50 anos, mas sempre com a mesma simplicidade. Foi realmente muito bom para todos nós termos tido a casa da Ericeira, o que agradecemos de coração à Mãe!



Tiago, João, Bruno, Russi, Maria José, Francisco, Luísa e Mariana

RECORDAÇÕES DA ERICEIRA

por Maria do Rosário d'Orey Moreira Queirós

Não me lembro de ter passado um único verão sem ir para a Ericeira, há 39 anos. Será exagero, falta de imaginação para passar férias, dependência estranha? Não sei explicar mas acho que tenho mesmo um pouco daquela terra e graças aos meus queridos avós, avô Zé Diogo e avó Albertina, que segundo sei, resolveram, há mais de 55 anos atrás, “dar” bons ares aos filhos, no Verão.

Assim cresci, sempre junto dos tios e primos e fiz os meus amigos de infância. O mais longe que me lembro é da casa cheia de primos e com a avó Albertina, a mãe e as tias sempre em azáfama para organizar a tropa, programas e refeições. Todos os dias íamos para a praia de manhã, com sol, nortada ou com chuva (típico, o nevoeiro e/ou a cacimba matinal) e à tarde brincar no parque de Santa Marta. Era sempre muito divertido pois estávamos juntos e essa era a parte melhor. Quando já estávamos fartos do mesmo programa, íamos apanhar amoras (claro que poucas chegavam a casa), descobrir ruas, ou fazíamos tarde de jogos, monopólio, ou cartas.

Tenho a certeza que foi nestes anos que se criaram os laços mais fortes entre todos. Todos recordamos com muita ternura e carinho pequenos episódios que

nos marcaram. Por exemplo, a recolha dos primos mais novos no parque de Santa Marta, na hora de ir embora, cabia aos primos mais velhos, lembro-me de correr todos os cantinhos do parque para que não faltasse nenhum; Lembro-me das festas de anos do meu irmão Xico, sempre com alguma partida da madrinha - tia Nico. Lembro-me do ano em que a tia Nico me fez trancinhas em todo o cabelo, foi o máximo e que grande paciência! Lembro-me, da adolescência, a altura mais divertida, as férias com a Catarina, sempre ansiosas por estarmos juntas, para partilhar tudo o que sentíamos. Mais tarde, já sem os avós, ficaram os grupos de amigos onde se incluem os primos “Quintela” sempre presentes em todos os Verões. Ainda hoje vou para a Ericeira, convivo com os mesmos amigos e primos, e não consigo pensar que não vou para lá. Foram e continuam a ser momentos muito felizes que vivemos na Ericeira, tudo graças aos avós Albertina e Zé Diogo.

OUTROS CASAMENTOS DOS FILHOS DE JOSÉ DIOGO

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski

Já agora, depois do casamento da Manuela, o segundo casamento dos descendentes de Albertina e José Diogo foi o do Zé Maria com a Maria Leonor Teixeira de Sampaio Borges de Sousa; depois a Ana Maria com o Miguel João Slewinski. Depois a Luisa com Jorge Fernandes Soares de Oliveira; a Isabel com Vasco Luís Pereira Bramão Ramos e finalmente, o Vasco com Luisa Maria Assunção Pereira.



Casamento de José Maria e Leonor; do lado direito Casamento de Ana Maria e Miguel.



Em cima, Casamento de Luisa e Jorge; ao lado em cima, Casamento de Isabel e Vasco; ao lado, Casamento de Vasco e Luisa.



A HISTÓRIA DA MINHA VIDA NA CASA DA FAMÍLIA D'OREY

por Josefina Gomes

Tinha apenas 12 anos quando o meu irmão arranhou para eu ir para Lisboa. Convinha vir em Agosto no mês em que estavam a passar as férias na Ericeira. Por indicação da minha senhora fui metida na camioneta com a indicação de descer na última paragem e que me esperava lá uma senhora com um casaco azul. Quando cheguei não vi ninguém à minha espera, comecei a chorar e uma senhora que estava na janela perguntou-me porque chorava. Expliquei-lhe e a senhora foi-me lá levar à Rua Florêncio Granate nº 1. Já estavam à minha espera. Ensinarão-me a pôr a mesa, a cortar batatas para fritar. Os primeiros dias foram muito tristes, chorei muito a pensar na minha mãe, não tinha dinheiro para fugir para a minha terra. Deram-me umas sandálias castanhas lindas e um casaco azul. Fiquei mais contente. Foi esta a família que adoro até aos dias de hoje, que aprendi as boas maneiras e fizeram de mim uma boa dona de casa. Belos tempos! Quando tinham visitas para jantar punha uma linda mesa, com “naperon” entre os pratos e a taça da sobremesa, coisa que ainda hoje faço quando tenho visitas. Os Luxemburgueses com quem convivo ficam encantados com o requinte. Foi o que aprendi. Nesse tempo eu partia bastantes coisas. Quando se usava o lindo serviço de jantar, se não partisse nada recebia sempre uma recompensa. Era bom esse tempo, pois eram como meus pais. Foram meus padrinhos de casamento o Senhor Engenheiro e a menina Luisa, mas para mim tive duas madrinhas! Deram-me o vestido de noiva, tenho tido o privilégio de usar a mantilha era da Dona Gestrudes, a esposa do Sr. Almirante Américo Tomás. O bolo da noiva também foi feito lá em casa. Eram bons os tempos que passava na Ericeira. Ía ver a Revista onde participavam as meninas, primas e amigas. Ainda me lembro das cantigas. Recebia de vez em quando dinheiro para andar na Lagarticha (comboio de transporte de praia puxado por um tractor) com a Zé Pincel (filha dum grande amigo do padrinho, Fernando Ribeiro e Silva, que passava lá muito tempo por precisar muito de praia). Em Algés o Senhor Conde Vasco “Valmonte” passou um dia por lá. Tocou à campainha. Abriu-me a porta e ele começou a entrar. Assustei-me, pensei que era um cigano. Comecei a empurrá-lo para fora e a gritar: “oh minha xenhora um tchigano! Ai meu Deus um tchigano!” Quem estava em casa veio acudir e riram-se muito! Isto ficou na história da família. Só haveria um malandroco que me fazia sofrer um pouco que era o menino Vasco. Só gostava de comer tudo muito quente. Quando lhe ia levar o pequeno almoço à cama,



Josefina na escada da entrada de Algés

que eram ovinhos mexidos, o malandro adormecia. Claro que tudo esfriava. Dizia à mãe que eu lhe levava tudo frio e lá a pobre da Josefina levava um raspanete. E mais histórias engraçadas que me lembro com muita saudade desse tempo, quando eu fazia asneiras e a senhora ralhava comigo e o meu padrinho dizia sempre: oh Albertina deixa lá a rapariga! Defendia-me sempre, tinha um coração de ouro. E eu sentia-me um pouco protegida. Foram uns pais para mim!. Quando vou visitá-los à campa fico tão comovida e sentida, coisa que sinto quando vou à campa da minha Mãe, mas a vivência foi menor. Toda esta família, é a minha família de coração. Não esquecendo os meus ratinhos do Murtal, (filhos da menina Manecas) coisas que guardo no meu coração todo o resto da minha vida. Quando tínhamos galinhas em Algés eu ia uma vez por semana à praça da Ribeira buscar hortaliça. Nessa noite não dormia bem com a alegria de vestir um farda azul às riscas brancas e ir no eléctrico. Como me sentia feliz! Quando o meu marido e eu, vindos do Luxemburgo, visitávamos os meus padrinhos na Ericeira, íamos muitas vezes, comer o arrozinho de marisco, coisa que o meu padrinho gostava muito. Guardo comigo um bocadinho de madeira das escadas da Ericeira. Dormi lá no último dia em que a mana Manuela a teve. Tirei esse bocadinho de madeira para recordação pois a escada estava velhota. Talvez isto deva ser uma criancice, mas sou assim, muito sensível. Lembro-me dos primeiros namoriscos das meninas e do famoso carro Gordini do Sr. Engenheiro Moreira. Com todo o meu coração mando abraços para toda a família. Josefina ou Zeca ou Zequinha ou Jéjé.

SOBRE O MEU QUERIDO TIO JOSÉ DIOGO SAMPAIO D'OREY

por José Luiz de Albuquerque d'Orey

A minha primeira lembrança do tio Zé é do tempo em que eu teria uns 7 anos.

Um dia, o tio Zé entrou no pátio da quinta em Sassoeiros num Delage, automóvel descapotável, de cor de rato quando foge. A família reuniu-se para ver um bailarico. Não sei qual era a música mas o carro guiado pelo tio Zé, tremia, andava para trás para a frente para os lados, girava sobre si próprio perante a família toda! O Vasco Manuel que teria poucos anos a menos que o tio Zé e que estava sentado no carro ao lado dele, ajudava radiante todo aquele espectáculo e estimulava o tio Zé para mais piruetas.

O tio Zé gostava imenso de passear connosco e muitas vezes levava-nos ao Coliseu. O trio que o acompanhava era constituído pelo Gonçalo, Manuel Guilherme (Manau) e eu... Levava-nos a ver a luta Greco-Romano em que se evidenciava a força muscular dos lutadores, mas era na luta livre que o público se entusiasmava. O que mais nos impressionava era a capacidade dos lutadores resistirem ao puxar dos cabelos, a pendurarem-se nas barbas e cabelos uns dos outros e no final depois de murros pontapés e socos, os inimigos saírem, quer os vencidos quer os vencedores com a mesma calma e ar bem disposto com que entravam. Nas horas de grande

entusiasmo, o público cantava e nós acompanhávamos algumas das músicas bem conhecidas, mas alterávamos a letra para outra menos próprias e o tio Zé dizia: Oh meninos tenham juízo - e ria dos disparates connosco. Mais tarde comecei a conhecer o tio Zé na sua maneira de ser e no seu trabalho. Não deixando de ser sempre brincalhão, apreciava o seu trabalho no Jardim Colonial e o amor que dedicava às plantas, aos seus estudos. Diria que conhecia todas as plantas uma a uma pelo seu nome.

O tio Zé tinha uma característica muito rara na sociedade de então: era um homem livre no melhor sentido da palavra. Escolheu a sua vida e viveu-a como queria com uma grande independência. Foi-o em relação à sua família, ao seu trabalho, às suas amizades. Sempre apreciei essa liberdade reveladora de um grande carácter e por isso o escolhi, sempre que a decisão foi minha, para ser meu padrinho - quando fui Confirmado e quando do meu Casamento.

Era sempre com muita alegria que a Carmo e eu íamos a Algés onde nos sentíamos ser sempre bem vindos com os sorrisos de muito grande simpatia da tia Albertina e do tio Zé. E ao escrever isto tenho Saudades. Tenho mesmo.

O CASAMENTÃO DE LULU E ARTHUR, A 13 DE DEZEMBRO

por Nucha



Lulu e o marido Arthur

O casamentão (250 convidados) foi no dia 13 de Dezembro de 2008, na cidade de Brasília, no Brasil, às 20,00 horas, na Igreja de Nossa Senhora da Saúde, seguido de uma festa no clube das Nações.

No clube teve um cocktail seguido de jantar e uma festança que terminou depois das 4 da manhã. Muita dança, muita alegria e muitas demonstrações de amizade.

Brasília fica a 1100 Kms de S. Paulo, e um pouco



Os cinco filhos da Nucha

mais do Rio, mas tivemos amigos que se deslocaram especialmente para o evento e que estiveram junto a nós neste momento tão importante, também vieram alguns amigos do exterior!

Arnaldo e eu (Nucha) nos sentimos muito prestigiados com a presença de tantos amigos!

Não é babação de mãe, mas... a noiva estava LINDA! Basta olhar para as fotos!



OS 80 ANOS DA LUÍSA Luísa com o afilhado, Pedro Álvares Cabral, e o Martinho a ler
 por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

Fazer 80 anos é lindo. Os 80 anos da Luisa foram festejados com uma Missa celebrada pelo Padre Manuel, muito bem cantada e cujo peditório, a pedido da Luísa como presente de anos, era a favor duma paróquia em Moçambique, geminada com a de Santa Isabel, para fazerem um poço!

Seguiu-se um belo jantar e antes da Luisa apagar as velas houve uma espécie de “desgarrada” de versos que muitos presentes fizeram para a Luísa. Foi-me muito difícil escolher uma amostra para aqui ficar na nossa Gazeta. Aqui vai o da Lélinha!

Versos para o dia dos 80
 anos do Lito
 Correndo da Rua das Trinas
 Pró quintal dos
 Machadinhos
 O Lito e eu brincávamos
 Às bonecas e jantarinhos
 A boneca preferida
 Era a minha Cotovia
 E tudo o que eu pedia
 O Lito jeitosa fazia
 “Faça-me hoje um fatinho
 E um chapéu com flores”
 E das suas mãos saiam
 Toiletes uns amores
 Depois fomos para o
 colégio
 E o Lito tudo aprendia
 Não só era boa aluna
 E às Madres reprendia
 “Ó Madre não é melância
 Em português melancia
 Fazia-o com simplicidade
 E com muita simpatia
 É boa e inteligente
 Tem muita caridade
 Joga muito bem o bridge
 Sem batota e em verdade
 Parabéns Lito querida
 De todo o coração
 Oitenta vividos assim
 É mesmo uma sensação

UM FUZILEIRO NO SERTÃO

por Ana Maria Garcez d'Orey Slewinski (Nico)

Um livro da autoria do Carlos d'Orey Juzarte Rolo, editado pela Comissão Cultural da Marinha, dedicado "Aos camarada que comigo navegaram os rios da vida e outros.. À minha mulher por tudo..."

No lançamento do livro em Dezembro passado, no Museu de Marinha - Pavilhão das Galeotas, o Carlos proferiu palavras muito bonitas, dirigindo-se algumas vezes à sua Mãe. Disse ele que publicar este trabalho foi um sonho que a Marinha concretizou. Em meados de 1993, ao pesquisar fichas da Secção de Reservados da Biblioteca Nacional encontrou a do códice 754 "Zuzarte Teotóneo José. Diário da navegação do Rio Tietê, Rio Grande Paraná (Manuscritos): Em que se da rellação, de todas as cousas mais notáveis destes rios, seu curso (e) su distancia, escrito pelo Sargento Mór, Theotónio José Zuzarte. 1769 - 97 f. 31 cms em Original, bom estado".

O Carlos fez uma interessantíssima pesquisa que não se ficou por Portugal. Correspondeu-se com os estados brasileiros de S. Paulo e Mato Grosso do Sul. Enfim um trabalho notável dando-nos a conhecer o percurso deste Theotónio que em Lisboa, depois dos seus estudos, desenhava com mestria, aguarelava com fineza e riscava com certeza, alista-se como fuzileiro (ca 1750). Embarca então! O Carlos dá-nos a conhecer esta figura interessante, com a descrição duma viagem deveras curiosa há mais de 250 anos! O livro é lindo.

